

# Universidade, arte e cultura: primórdios de uma relação ancestral

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de traçar uma síntese histórica das relações entre universidade, arte e cultura, desde os primórdios do ensino superior até os dias atuais. Pretende-se entender de que forma a cultura e a arte estão imbricadas com o ensino superior desde o seu nascedouro e como essa relação se desenvolveu ao longo do tempo. Como objetivo secundário, o artigo dedica atenção ao histórico artístico-cultural da Universidade Federal da Bahia, situando-a no panorama da inserção da arte e cultura nas universidades brasileiras. Conclui-se que há um entrelaçamento atávico entre o ensino de arte e cultura e a emergência do ensino superior desde os mais antigos períodos. No Brasil, a dimensão da cultura nas universidades esteve associada, historicamente, ao panorama político-cultural de ocasião, flutuando ao sabor das ideologias dominantes.

**Palavras-chave:** universidade; arte; cultura; UFBA.

**Cristiano Santana Portela**  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)  
cristiano.santana@ufba.br

**Sônia Maria Rocha Sampaio**  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)

sonia.sampaio@terra.com.br

**Flávia Goulart Mota Garcia Rosa**  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA)

fflaviagoulartroza@gmail.com

## University, art and culture: beginnings of an ancestral relationship

**Abstract:** This article aims to trace a historical synthesis of the relationship between university, art and culture, from the beginnings of higher education to the present day. It is intended to understand how culture and art are intertwined with higher education since its inception and how this relationship has developed over time. As a secondary objective, the article pays attention to the artistic-cultural history of the Federal University of Bahia, placing it in the panorama of the insertion of art and culture in Brazilian universities. It is concluded that there is an atavistic interweaving between the teaching of art and culture and the emergence of higher education from the earliest periods. In Brazil, the dimension of culture in universities was historically associated with the political-cultural panorama of the time, fluctuating at the whim of dominant ideologies.

**Keywords:** university; art; culture; UFBA.

## Universidad, arte y cultura: inicios de una relación ancestral

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo trazar una síntesis histórica de la relación entre universidad, arte y cultura, desde los inicios de la educación superior hasta nuestros días. Se pretende comprender cómo la cultura y el arte se entrelazan con la educación superior desde sus inicios y cómo esta relación se ha desarrollado a lo largo del tiempo. Como objetivo secundario, el artículo presta atención a la historia artístico-cultural de la Universidad Federal de Bahía, ubicándola en el panorama de la inserción del arte y la cultura en las universidades brasileñas. Se concluye que existe un entretreído atávico entre la enseñanza del arte y la cultura y el surgimiento de la educación superior desde los períodos más tempranos. En Brasil, la dimensión de la cultura en las universidades estuvo históricamente asociada al panorama político-cultural

de la época, fluctuando al capricho de las ideologías dominantes.

**Palabras clave:** universidad; arte; cultura; UFBA.

## Introdução

O objetivo deste artigo é traçar um panorama histórico da relação entre a universidade, a cultura e as artes. Por meio de uma revisão de literatura, queremos identificar como os assuntos afeitos ao campo artístico-cultural e humanístico foram incorporados aos currículos dessa instituição de ensino.

Partindo de uma perspectiva cronológica, pretendemos esboçar um quadro geral das raízes históricas que conformaram a relação dos campos artísticos nas universidades, desde os centros de educação superior da Índia antiga, passando pela Grécia, Idade Média e Moderna para chegar até os dias de hoje.

Além do objetivo primário, incluímos uma breve exposição do histórico artístico-cultural da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tendo em vista o papel fundamental exercido por essa instituição vanguardista, banhada pelo ímpeto modernizante da Bahia dos meados do século XX e considerando o contexto geral de inserção da arte e da cultura nas demais universidades brasileiras. Sob a batuta do seu primeiro reitor, Edgard Santos, a UFBA se estabeleceu como polo difusor de uma nova realidade cultural na cidade de Salvador.

Percebe-se que a temática artístico-cultural se encontra entrelaçada com o ensino superior desde o seu nascimento e que, no Brasil, o diálogo entre cultura, arte e universidade se deu em consonância com o panorama político em voga.

## Precedentes históricos: o ensino superior na antiguidade

Grande parte dos estudiosos do campo do ensino superior credita o seu nascimento à necessidade de formação de quadros para assumir postos na burocracia estatal, em decorrência do estabelecimento de uma autoridade central destinada a administrar determinada concentração populacional. (PEDERSEN, 1997; SCOTT, 2006) Dessa forma, pode-se dizer que há uma estreita relação entre a fundação de centros de ensino e a burocracia estatal, que requer pessoal especializado e apto a tratar de assuntos como impostos e taxas, pesos e medidas e redação de documentos oficiais, por exemplo.

Desse modo, adota-se a concepção de Pedersen (1997), que considera como ensino superior a instrução que se mostra avançada para as condições da época e do lugar. Além disso, o autor situa o papel social dos centros – ou escolas – de ensino superior na seleção de grupos de estudantes que, tendo recebido conhecimentos especiais, vão ocupar posições específicas na sociedade.

Nessa perspectiva, os egípcios e babilônios instituíram escolas aptas a treinar escribas, destinados a trabalhar para a administração burocrática nascente. O treinamento dos escribas tinha um caráter estritamente pragmático e objetivava a formação de uma classe de administradores da sociedade.

Em contraponto a essa educação voltada a uma missão eminentemente utilitária e elitista, os gregos praticavam uma ideia de educação aberta a todos os cidadãos livres. A *paideia*, termo grego que pode ser subsumido à ideia de civilização, pressupunha a educação como direito e dever de todos os cidadãos, que tomariam parte nos negócios políticos da sociedade e, portanto, deveriam estar intelectualmente preparados para compreender os problemas da *pólis*. Além disso, havia a ideia de formação do homem numa perspectiva integral, o que significava tanto instrução intelectual, quanto física e artística.

Em decorrência dessa concepção de formação integral do Homem, vem da Grécia um dos primeiros exemplares de estruturação curricular, creditado ao matemático Pitágoras, que incluía uma matéria artística dentre os tópicos a serem estudados. O quadrivium pitagórico reunia, ao lado da aritmética, geometria e astronomia, o estudo da música como disciplina. Em composição com o chamado trivium, que estabelecia o estudo da gramática, da retórica e da dialética, formavam-se as artes liberais, que podem ser caracterizadas como disciplinas que “[...] aguçam a razão e, ao mesmo tempo, elevam a alma do mundo inferior e material para a contemplação das verdades eternas onde começa a sabedoria”.<sup>1</sup> (PEDERSEN, 1997, p. 11, tradução nossa)

Na Academia fundada pelo filósofo Platão (427 a.C. – 347 a.C.) por volta de 393 a.C., presumia-se uma educação comum, com ginástica para o corpo e música para a alma. Bebendo das fontes de Sócrates, Platão pretendia formar cidadãos aptos a exercerem importantes papéis na sociedade grega. Em mais uma mostra da importância dada por Platão às artes, ele preconizava, em um dos seus mais famosos livros, *A República*, a inclusão da música, desde

1 “[...] they sharpen the reason and at the same time raise the soul from the low, material world to a contemplation of the eternal truths where wisdom begins”.

a mais tenra infância, como indispensável à formação dos cidadãos que viriam a fazer parte da classe dos comerciantes.

Embora com um viés notadamente voltado para a pesquisa, numa perspectiva complementar à atuação da Academia platônica, cujo foco estava voltado à educação pelo ensino, o Liceu de Aristóteles deve ser mencionado por sua importância como mais uma instituição de ensino superior da Grécia Antiga. Aristóteles, pupilo de Platão, colocou em prática uma educação que, para além da reflexão teórica, empregava métodos que incentivavam a experimentação direta por parte dos discípulos. Dessa forma, o Liceu pode ser visto, *avant la lettre*, como um instituto de pesquisa que, por meio do estudo e da manipulação de diferentes materiais científicos, contribuiu para a independência de algumas importantes áreas das ciências, tais como a zoologia e a embriologia.

Com a expansão das expedições de Alexandre, o Grande, e a consequente perda da importância política de Atenas, inaugura-se na civilização egípcia o chamado Período Helênico. A essa altura, as ambições imperiais de Alexandre fizeram com que seu império se estendesse da Macedônia à Índia, demonstrando a sua supremacia no Oriente. É nesse contexto, com o deslocamento do centro gravitacional da cultura grega para outras regiões, que o Rei Ptolomeu I Sóter ordena a construção da Biblioteca de Alexandria, no Egito, ideia que havia sido, originalmente, um desejo de Alexandre, o Grande, a essa altura já morto. Embora possa-se cogitar alguns motivos para a fundação da biblioteca por parte do Rei Ptolomeu, essa iniciativa deve ser compreendida como um esforço do estado, que despendeu considerável apoio econômico dos reis e de seus sucessores para a fundação do empreendimento. (PEDERSEN, 1997)

A Biblioteca de Alexandria era um complexo, a um só tempo secular e religioso, que comportava desde locais de adoração às Musas a aposentos para poetas e filósofos, além de salas de aulas, jardim botânico, zoológico, observatório astronômico e uma grande biblioteca. Essa última existia desde o começo do empreendimento e estima-se que tenha reunido entre 100 e 700 mil trabalhos. Inicialmente, com a intenção de concentrar a literatura grega num mesmo lugar, posteriormente, a biblioteca adquiriu significativas coleções de outras culturas e obras importantíssimas de autores como Aristóteles e Theophrastus (372 a.C. – 287 a.C.).

A Biblioteca de Alexandria funcionou, ainda, como um polo cultural cosmopolita, para onde afluíam estudantes de todo o

mundo até então conhecido. Além disso, podem-se citar alguns episódios notáveis que tiveram lugar nessa instituição, como a fundação da ciência da crítica textual, com a redação final de *A Ilíada* e *A Odisseia* de Homero (928 a.C. – 898 a.C.), numerosos comentários literários e trabalhos gramaticais, além dos estudos de Euclides (c. 300 a.C.) que legou para a humanidade trabalhos em ótica, astronomia e música.

Apesar da importância singular dos gregos para a integração da arte ao currículo do ensino superior, é possível retroceder ainda mais no tempo e encontrar, já no Egito Antigo, as *per-ankh* (*House of Life*) que emergiram por volta de 2000 a.C. Com o desenvolvimento da agricultura, propiciado pela fertilidade da região do Vale do Rio Nilo, o Egito passou a fruir de intensos intercâmbios econômicos e culturais com a região vizinha. Tais influxos culturais permitiram ao Egito lançar as bases de inovações na civilização africana, dentre as quais, a invenção da escrita. Por 2000 anos, os africanos do Egito tiveram a oportunidade de dedicar grande parte da sua energia em conquistas culturais e artísticas sem precedentes. (LULAT, 2005) A partir desse panorama de pujança cultural e econômica foi possível conceber as *per-ankh* (*House of Life*). Esses institutos se localizavam dentro de templos egípcios, contavam com inúmeras construções, milhares de empregados e tinham múltiplos papéis. Para além da transmissão de conhecimentos teóricos, disponibilizavam aulas de escultura e outros ofícios artísticos manuais.

Seguindo a perspectiva cronológica encontramos, na Índia Antiga, mais exemplares de centros de ensino superior que congregavam a dimensão artístico-cultural como parte dos seus ensinamentos. A *Takshasila*, fundada por volta do ano 1000 a.C., oferecia uma ampla variedade de cursos, divididos em literatura e assuntos técnico-científicos. *Vedas e Silpas* eram os termos usados para descrever esses dois ramos do conhecimento. Para os fins que importam a este artigo, é relevante notar que dentre os *Silpas* incluíam-se música, poesia, dança e pintura, numa mostra da importância do ensino das disciplinas artísticas nessa instituição milenar. Ainda na Índia Antiga, vale citar a *Vikramashila* (circa 775-800 a.C.), um monastério budista e famoso centro de aprendizado que contava com cursos que cobriam as chamadas “64 artes”, abrangendo, dentre outros tópicos, música e dança. (APTE, 1961)

Percebemos, por meio desses exemplos, o quanto a questão artística e cultural está imbricada com a própria noção de ensino

superior. Desde as mais remotas experiências, essas protouniversidades incluíam as matérias artísticas como parte do arcabouço formativo dos então alunos/discípulos. Na Grécia Antiga já se preconizava uma formação que se preocupasse com o desenvolvimento do ser humano integrando formação intelectual e física, passando, é claro, pela formação artística. Uma concepção revolucionária, mesmo na contemporaneidade, em que o itinerário formativo ainda se mostra, prioritariamente, tecnicista.

## Universidade e arte na idade média

O ano de 529 d.C. marca o fechamento definitivo da Academia de Platão, por ordem do Imperador Justiniano I. Com o objetivo de unificar a religião dentro do seu império, Justiniano proibiu o ensino pagão, cujo conteúdo era suspeito de colocar “questões” contra a fé cristã e, dessa forma, inaugurou uma nova era no que diz respeito ao ensino, tendo em vista a necessidade de educar o clero para os vários serviços da igreja.

Sob essas condições surgem as escolas monásticas e catedrálcias, contando, inicialmente, com um currículo bastante limitado. Nesse contexto, destaca-se, dentre essas primeiras instituições confessionais, a que foi estabelecida pelo estadista romano Flávio Magno Cassiodorus, no ano de 537 da nossa era. Cassiodorus desenvolveu um programa de estudos, chamado *institutiones*, que envolvia estudos religiosos e seculares. Na primeira parte, a estrutura curricular voltava-se para os estudos teológicos, enquanto na segunda parte lidava-se com os chamados estudos liberais, que envolviam o já mencionado trivium (gramática, lógica e retórica) e o quadrivium (aritmética, geometria, música e astronomia). Esse currículo viria a ser utilizado pelas primeiras universidades da Idade Média, numa tradição que remontava à Academia de Platão.

Considera-se a era medieval como a época do nascimento da universidade, no rigor do termo e exibindo características próprias da instituição universitária, como autonomia, liberdade de cátedra, outorga de títulos e diplomas, dentre outras. O renascimento comercial e urbano do início do milênio impulsionou o nascimento dessas instituições que desencadeiam o surgimento de escolas catedrais e a formação de instituições de ensino corporativo, que contemplavam o interesse de alunos e mestres. (ALMEIDA FILHO, 2012)

O mérito de ser a primeira universidade do mundo é conferido à Universidade de Bolonha, fundada em 1088 e seguida por Paris e Oxford, fundadas em 1090 e 1096, respectivamente. A estrutura curricular permanecia inalterada, com o estudo das artes liberais (trivium e quadrivium) formando a fase propedêutica e, em seguida, o estudo de teologia, direito e medicina numa fase de estudos superiores. Na dimensão artística, remanesce o estudo da música como parte do quadrivium. (ALMEIDA FILHO, 2009, 2012)

Bolonha e Paris se destacam como importantes centros intelectuais que congregavam estudantes vindos de várias regiões da Europa. Com a reputação adquirida, essas universidades se tornam o que Pedersen (1997) chama de *Studium Generale* – centros de ensino cujo currículo era composto pelas artes liberais e pelos estudos avançados de medicina, direito e teologia.

No âmbito cultural e humanístico, é importante citar o trabalho dos tradutores árabes que, nos séculos XII e XIII introduziram, sobretudo através da Península Ibérica, importantes obras antigas nos círculos intelectuais europeus. Por intermédio desses tradutores vieram à luz importantíssimas obras da antiguidade, tais como trabalhos filosóficos de Aristóteles, conhecimentos sobre geometria e astronomia de Euclides e Ptolomeu, além de literatura médica e do campo do direito. (OLIVEIRA, 2019) Esse novo influxo de conhecimento “[...] rompeu os laços das escolas de catedrais e mosteiros e criou as profissões eruditas [...]”.<sup>2</sup> (HASKINS, 1923, p. 8-9, tradução nossa). A tradução das obras clássicas pelos árabes teve ainda participação decisiva no renascimento do século XII, movimento que se consubstanciou em múltiplas dimensões (urbana, comercial, etc.) e que, no campo cultural, acrescentou ao conhecimento ocidental trabalhos até então desconhecidos pelos europeus, expandindo a literatura acadêmica disponível e ampliando horizontes epistêmicos.

Acerca do ensino das artes na Idade Média, havia um foco maior nos cursos de lógica e filosofia, com os estudos do quadrivium recebendo pouca atenção e a gramática e a retórica relegadas a um segundo plano. (HASKINS, 1923) É nesse contexto medieval que se estabelece a primeira missão da universidade: o ensino nas chamadas faculdades de artes, responsáveis pelo ensino introdutório das artes liberais e o posterior aprimoramento por meio dos estudos de teologia, direito e medicina. O panorama artístico-cultural do ensino universitário medieval limitava-se, portanto, ao modelo

2 “[...] burst the bonds of the cathedral and monastery schools and created the learned professions [...]”.

escolástico e ao esquema das artes liberais (trivium e quadrivium) herdado da antiguidade.

## Novos paradigmas para a universidade no pós idade média

A emergência dos Estados-nação configura uma nova realidade para a autonomia das universidades. Se na Idade Média as universidades gozavam de relativa independência para a definição dos seus assuntos internos, na modernidade os novos soberanos que se mantiveram no poder após as guerras sangrentas do século XVI erodiram essa autonomia, restringindo as liberdades dessas instituições. Com o declínio do poder papal e do feudalismo, e a conseqüente ascendência dos gestores dos incipientes Estados-nação, a universidade foi instrumentalizada de modo a formar os novos quadros profissionais para a burocracia, sacerdotes para as novas confissões religiosas, além de intelectuais e outros profissionais necessários ao funcionamento dos estados. Nessa conjuntura, a vanguarda do pensamento científico e cultural vai acontecer fora do espaço das universidades. (ALMEIDA FILHO, 2012; SCOTT, 2006)

O modelo escolástico, proveniente da Idade Média, se mostrou incapaz de dar conta das necessidades de ensino que surgiam em paralelo com os Estados nacionais, num cadinho que mesclava ainda o renascimento e as reformas religiosas. Segundo Scott (2006, p. 13, tradução nossa):

Filosoficamente, o humanismo e as disciplinas humanísticas substituíram gradualmente a Escolástica medieval nas universidades do Continente e da Inglaterra. Originado como parte do Renascimento Italiano, o movimento começou fora das universidades e enfatizou atividades literárias e culturais. [...] O objetivo dos humanistas para a educação liberal era o desenvolvimento integral do estudante.<sup>3</sup>

Além da insuficiência do modelo escolástico na nova conjuntura, havia a incapacidade de absorção, por parte do modelo de universidade medieval, da pujante diversidade cultural e artística que vinha da África e da Ásia após as grandes descobertas.

Em meados do século XV, universidades italianas – como decorrência do Renascimento – começaram a incluir disciplinas humanísticas em seus currículos. Assuntos como literatura,

3 "Philosophically, humanism and humanistic disciplines gradually replaced medieval Scholasticism in universities on the Continent and in England. Originating as part of the Italian Renaissance, the movement began outside the universities and emphasized literary and cultural activities. [...] The humanist's goal for liberal education was well-rounded development of the student."

línguas antigas, neoplatonismo e línguas vernáculas modernas foram acrescentados ao rol de disciplinas a serem estudadas. Esse humanismo se estendeu pela Europa, assumindo aspectos mais religiosos em outras partes, o que resulta na Reforma Protestante do século XVI e se desdobra na Revolução Científica do século XVII e no Iluminismo do século XVIII, desta feita, com uma fisionomia mais secular.

Almeida Filho (2009) afirma que, após o Renascimento e como consequência dos movimentos engendrados pelo capitalismo incipiente, a Europa viu nascer o paradigma da universidade da arte-cultura, superando o modelo escolástico. Alheias à industrialização nascente, que requeria conhecimento especializado em tecnologia e ciência, a universidade aderiu ao projeto ideológico do enciclopedismo, para dotar a elite burguesa dos conhecimentos artísticos e literários que emergiram como modelo ideal do Iluminismo. A universidade se tornava, assim, um espaço de conservadorismo alimentado por um humanismo anacrônico e ainda ligado às concepções escolásticas, já superadas pela sociedade iluminista nascente, remodelada segundo um novo modo de produção. Esse modelo ainda livresco de universidade, fincado em ideias humanistas e apartado do conhecimento prático emergente, acabou incentivando o surgimento de diversas sociedades científicas, cujo objetivo era pesquisar e desenvolver o conhecimento que estava de fora da universidade conservadora.

No domínio da cultura, é preciso sublinhar dois fenômenos históricos que perpassam a instituição universitária na era moderna. O primeiro desses fenômenos foi a explosão do mercado editorial na Europa, com a publicação de revistas, livros, tratados, coletâneas de poesia, entre outras produções. Como decorrência dessa expansão editorial ressurgem, no plano institucional, as bibliotecas, que são tidas, à época, como substitutas naturais das universidades, na medida em que bastava acessar as suas dependências para ler as fontes disponíveis e se instruir. O outro fenômeno foi o desenvolvimento dos conhecimentos sobre o mundo natural, com naturalistas, físicos, matemáticos e outros especialistas sobrepondo-se ao conhecimento dos filósofos e trazendo consigo a reinvenção dos museus, espaços destinados ao armazenamento e catalogação do conhecimento. Também o museu foi considerado como substituto das universidades, como instituição de produção científica e tecnológica. (ALMEIDA FILHO, 2009)

A crise pós-renascentista<sup>4</sup> exige um novo paradigma de universidade. Como a universidade de arte-cultura se tornou incapaz de prover a base científico-tecnológica sobre a qual repousaria os ideais da Revolução Industrial, passa-se ao paradigma da universidade científico-tecnológica, essa, sim, capaz de nutrir o capitalismo nascente com o substrato utilitarista que daria vida e vigor a este novo modo de produção.

O que resultou da crise da universidade no século XVIII foram dois modelos, um francês e outro germânico, ambos com a intenção de reformar – numa perspectiva mais democrática ou mais autoritária – as bases do funcionamento dessa instituição. Na França, durante a Revolução, as universidades foram fechadas, por serem associadas ao Antigo Regime, sendo retomadas, posteriormente, com um *status* inferior ao das faculdades e escolas profissionais especializadas. (OLIVEIRA, 2019) Napoleão Bonaparte (1769-1821) “reestruturou” as universidades com um modelo que assegurou a estabilidade política e social do novo regime, impondo limites à liberdade intelectual. Por outro lado, o modelo germânico, estabelecido pelo *Relatório Humboldt* em 1810, definia a primazia da pesquisa científica e estabelecia, dentre outras questões, o regime de cátedra e a liberdade de aprender e ensinar, ínsita na ideia de autonomia acadêmica.

Em paralelo a essas reformas, despontam figuras dedicadas a engrossar a reflexão sobre a missão da universidade, contrapondo-se, em muitos aspectos, às reformas implementadas e alargando a concepção corrente de universidade para abarcar uma dimensão mais humanística e desinteressada de ensino universitário. Um desses personagens é o cardeal inglês John Newman (1801-1890) que, opondo-se à ideia de universidade como *locus* de produção de conhecimento utilitário, apregoava que o “conhecimento podia ser um fim em si mesmo. Tal é a constituição da mente humana pela qual toda espécie de conhecimento, enquanto real, encerra a sua própria recompensa”. (NEWMAN, 1947 apud KERR, 2005, p. 14) Para Newman, a pesquisa científica deveria ser capitaneada por outras instituições e, às universidades, caberia o conhecimento liberal, afastando-se da filosofia da utilidade. (KERR, 2005)

Numa perspectiva oposta à de Newman, Abraham Flexner (1866-1959), educador norte-americano entusiasta do modelo alemão Humboldtiano, via a universidade moderna como sendo constituída por uma escola de pós-graduação de artes e ciências, por

4 Contexto de exaustão do modelo escolástico e livresco que predominava nas universidades desse período, e que viria a ser suplantado por um modelo inteiramente novo trazido pela Revolução Científica do século XVII

escolas solidamente profissionais (medicina e direito nos Estados Unidos) e certos institutos de pesquisa (KERR, 2005). Na visão de Flexner, a universidade não deveria servir aos estudos vocacionais, de cunho mais pragmático e menos intelectual, e sim às profissões cujo exercício deriva mais da inteligência e menos de trabalhos manuais. (OLIVEIRA, 2019)

Outro intelectual que empreendeu esforços no sentido de clarificar e defender ideais referentes às missões da universidade foi o filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955). Em sua obra *Misión de la universidad y otros ensayos afines*, escrita nos anos de 1930, defende, como inevitável e fundamental, o ensino da cultura ou “das ideias vivas do nosso tempo”. (ORTEGA Y GASSET, 1930, p. 44) Opondo-se ao profissionalismo e ao especialismo, o filósofo espanhol coloca para a universidade a missão de promover a reconstrução das partes dispersas do homem europeu, que, em sua opinião, estava invisivelmente fragmentado.

Ortega y Gasset (1930) estabelece o que seriam, em sua visão, as funções principais do ensino universitário: 1º) Transmissão da cultura; 2º) Ensino das profissões e 3º) Pesquisa científica e formação de novos cientistas. (ORTEGA Y GASSET, 1930, p. 45) Percebe-se uma proposta de profunda reformulação das missões da universidade, tendo-se em conta o primado do ensino da cultura, ante o deslocamento da ciência para a última das funções do ensino universitário, numa perspectiva que se pode chamar de “anti-humboldtiana”.

Fazendo coro à recomendação de Ortega y Gasset, o professor Naomar de Almeida Filho, ex-reitor da Universidade Federal da Bahia, coloca a “[...] difusão da diversidade cultural e da multiplicidade de formas de ver o mundo como uma missão, uma obrigação [...] da universidade”. (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 162) Defensor de um paradigma renovado de universidade, Almeida Filho (2009) propõe uma universidade que reforce “[...] a rede de trocas acadêmicas em arte-cultura e ciência-tecnologia que já opera nos registros multicultural, interdisciplinar e transnacional”. (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 174)

Ante a multiplicidade de concepções e diversas correntes que, ao longo do tempo, conformaram o ensino universitário, Kerr (2005) cunhou a ideia de “multiversidade”. Baseando-se em diferentes correntes do campo da história, e centrando a análise na experiência norte-americana, Kerr (2005) define a multiversidade como uma

instituição multifuncional que congrega várias comunidades – a comunidade dos alunos da graduação e da pós-graduação, a comunidade dos humanistas, a comunidade dos cientistas sociais e dos cientistas das exatas etc. –, uma instituição que “[...] se volta ao passado e vislumbra o futuro [...]”. (KERR, 2005, p. 28)

Do ponto de vista dos paradigmas universitários resultantes dos processos históricos que permearam o itinerário dessas instituições, temos um modelo de universidade científico-tecnológica hegemônico no mundo industrializado e, nos países em desenvolvimento, as universidades escolásticas e de arte-cultura. (ALMEIDA FILHO, 2009) O que compreendemos é que quando pensamos a instituição universitária não há imobilidade, mas uma mescla extensa de modelos convivendo em diferentes configurações.

## Cultura e arte na universidade brasileira

É impossível pensar na tríade arte, cultura e universidade no Brasil sem voltar os olhos, num primeiro momento, para o Movimento Modernista, que tem como epítome a Semana de Arte Moderna de 1922. Trazendo as marcas do rompimento com a arte acadêmica e com uma visão de cultura fincada no elitismo, o Modernismo brasileiro propunha uma renovação político-cultural baseada nas vanguardas europeias, mas incorporando uma noção de apropriação dos valores culturais tipicamente brasileiros. (ARAGÃO, 2016a)

Numa tentativa de demarcação cronológica da cena cultural brasileira no início do século XX, pode-se apontar, com base em Mota (1986), a importância da década de 1930, na qual se destacam obras que propõem uma “redescoberta” do Brasil enquanto nação, tais como “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda e “Casa-grande e Senzala”, de Gilberto Freyre. Mota (1986) aponta, ainda, o período de 1935-1945 como época de emergência de duas tendências na cultura brasileira: uma que propunha um ideal aristocrático de cultura, cultuando valores passados; e outra que buscava uma cultura voltada para o futuro, numa tentativa de romper com concepções tradicionais no âmbito estético-cultural.

A universidade brasileira nasce, de forma institucional, no ano de 1920, com a fundação da Universidade do Rio de Janeiro (URJ). As instituições universitárias se configuravam como meras tradutoras e reprodutoras da modernidade europeia, com postura elitista,

destinadas a formar as elites dominantes da sociedade brasileira e reforçando a “cultura letrada”. (ARAGÃO, 2016a) Dessa forma, a universidade passava ao largo de uma tentativa de aprofundamento reflexivo a respeito da cultura universal, ou como centro de produção de uma cultura com as marcas de uma elaboração brasileira, fincada nas suas raízes originárias.

Reivindicava-se, portanto, uma universidade que funcionasse, efetivamente, como centro de debate e crítica da sociedade. Uma instituição que se apropriasse da realidade brasileira e deixasse para trás o seu caráter conservador, que a mantinha afastada da situação em que se encontrava o país no início do século XX.

Na perspectiva da inserção da arte e cultura nas universidades, emerge como experiência inescapável a criação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934. A criação da USP se dá pelo Decreto n° 6.283/34 que, dentre outras, estabelece a seguinte finalidade para a universidade recém-criada: “formar especialistas em todos os ramos da cultura, bem como técnicos e profissionais em todas as profissões de base científica ou artística”. (SÃO PAULO, 1934)

A USP insere-se no contexto de uma proposta de universidade liberal, fruto do cenário político em que se encontrava o estado de São Paulo, cujas oligarquias haviam sido derrotadas pelo governo federal em 1932. Sob a liderança pedagógica de Fernando de Azevedo, a USP surge para fazer valer a vertente elitista do liberalismo, formando as elites intelectuais e classes dirigentes do país. (SOUZA, 1996)

Outra experiência universitária fundamental no diálogo universidade/cultura viria a ser consumada em 1935, com a instituição da Universidade do Distrito Federal (UDF), levada a cabo pelo notável educador baiano Anísio Teixeira. Em meio ao recrudescimento das tendências centralizadoras e autoritárias do governo do presidente Getúlio Vargas, Anísio funda a UDF com o propósito de figurar como lugar de atividade científica livre e produção cultural desinteressada. Com tamanha ousadia e inovação em relação à sua missão e levando-se em conta a sanha autoritária que grassava no país, não é difícil antever que o destino da UDF tenha sido a extinção, em 1939, com a migração dos seus cursos para a Universidade do Brasil (UB). (FÁVERO, 2006)

Finda a ditadura do Estado Novo (1937-1945), o Brasil viveu, a partir da década de 1950, uma aceleração do ritmo de desenvolvimento, industrialização, crescimento econômico e avanços

socioculturais. Nessa conjuntura, parcelas da sociedade passaram a perceber a situação complicada em que se encontravam as universidades brasileiras.

Marco da modernização do ensino superior no Brasil, a Universidade de Brasília (UnB), fundada em 1961, surge com foco na pesquisa e, institucionalmente, foi a primeira que não foi criada a partir da justaposição de faculdade pré-existentes. (SOUZA, D.; MIRANDA; SOUZA, F., 2019) A UnB se destaca, ainda, como um centro de propagação de cultura e arte, com a criação de projetos e organismos, tais como: a Casa dos Artistas Residentes, o Museu e o Centro de Teledifusão Educativa. (ARAGÃO, 2016a)

No que concerne à relação da universidade com o âmbito artístico-cultural, que se consubstancia na missão extensionista, cabe mencionar os marcos significativos na construção de uma robusta institucionalidade para a área da extensão. A primeira menção ao vocábulo “extensão” é feita em 1931, com o Decreto-Lei n° 19.851, mais conhecido como Reforma Francisco Campos, em referência ao ministro da época. O Decreto caracterizava a extensão como a atividade destinada “à difusão de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos, em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo: cursos intra e extra-universitários, conferências”. (SÃO PAULO, 1934)

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a extensão é estabelecida como uma das finalidades da educação superior, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 1996)

Outro documento basilar para a interface universidade/cultura é o Plano Nacional de Extensão Universitária, elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex). Nesse documento, propõe-se uma definição de extensão bastante ampla e abrangente, caracterizando-a como:

O processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um

aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. (FORPROEX, 2001, p. 15)

Com a redemocratização política, iniciam-se as discussões que viriam a desembocar na aprovação da Constituição Federal de 1988. A nova Carta Magna trouxe para as universidades a consolidação da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além da autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. Ademais, a Constituição encampa uma nova concepção em relação à cultura, tratando-a como direito de todos, a ser garantido, apoiado e incentivado pelo Estado. Fato é que na intersecção entre universidade e cultura, a Constituição serviu para potencializar a difusão artístico-cultural e extensionista nas instituições universitárias. (BRASIL, 1988)

Contemporaneamente, pode-se destacar o Reuni, o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007). Esse programa teve como principal objetivo a ampliação do acesso e permanência na educação superior e, para atingir tal objetivo, previa a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. Essa inauguração de universidades em cidades de menor porte, para além de democratizar o ensino superior, promoveu uma acentuada regionalização nas políticas pedagógicas e, conseqüentemente, uma maior imersão das universidades nas teias culturais e simbólicas das regiões em que estão inseridas.

## **A Universidade Federal da Bahia na vanguarda artístico-cultural brasileira**

Para além do panorama internacional no que se refere às experiências de ensino de arte, cultura e humanidades no ensino superior, a transformação por que passou a Bahia em meados do século XX, com a implantação da então Universidade da Bahia, mostra especial relevância para a compreensão do panorama artístico-cultural brasileiro.

Vale demarcar a partir de que marco teórico entende-se a palavra vanguarda, trazendo à baila o pensamento de Williams (2011). Para esse autor, a política da vanguarda teria se iniciado numa perspectiva de oposição, rejeitando a tradição e a ordem social e cultural vigentes. Além disso, há uma ênfase na criatividade

como elemento central de renovação do panorama cultural. Desse modo, deposita-se energia no fazer novo e nas novas construções. (WILLIAMS, 2011)

A partir desse ponto de vista, pode-se compreender a atuação disruptiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA) nos seus primórdios. A universidade então nascente deu conta de se posicionar como pioneira em muitos aspectos, revelando uma experiência singular no panorama artístico-cultural e sobressaindo-se no contexto do modernismo vigente na Bahia que emergia daquele meio de século.

Durante os seus 15 primeiros anos de existência, a UFBA, fundada em 1946 como Universidade da Bahia e federalizada em 1950, sob o reitorado de Edgar Santos, se configurou como polo difusor de uma nova realidade cultural na cidade de Salvador. Vanguardista na área cultural, a partir da década de 1950 inaugura as Escolas de Dança, Música e Teatro, que foram as primeiras no ensino superior do Brasil. (TEIXEIRA, 2016)

Tal era a importância desse pioneirismo que as recém-fundadas escolas de arte ficaram conhecidas como “as pupilas do senhor reitor”. (RUBIM, 2016) A inserção da UFBA na dinâmica modernizante baiana e brasileira implementada por Edgard Santos e a decisão de conferir aos cursos livres de arte o *status* de cursos superiores demonstram a contribuição da UFBA na constituição da cultura nacional. A então Universidade da Bahia, criada em 1946, pelo Decreto-Lei n° 9.155, de 8 de abril, e instalada no dia 2 de julho do mesmo ano, como aconteceu com outras universidades brasileiras, se deu por agregação de escolas superiores já existentes. Reunia as Faculdades de Medicina, que incluía as Escolas de Odontologia e Farmácia, a de Direito, a Politécnica, a de Ciências Econômicas e a de Filosofia. Seu primeiro reitor era um representante da elite local que havia passado dez anos como diretor da Faculdade de Medicina, de 1936 a 1946.

A figura do reitor Edgard Santos tem fundamental importância para o estabelecimento da cultura como elemento vital nos primeiros anos da UFBA. De acordo com Risério (2013, p. 123):

Mais do que um mero reitor voltado para as questões internas de uma Universidade – os problemas, as necessidades e as perspectivas de suas escolas –, Edgard tinha um projeto geral para a Bahia, estrategicamente centrado na dimensão cultural da vida social.

Bem relacionado com o poder, Edgard usou de habilidade política para transitar bem sob vários governos e, desta forma, realizar a utopia de tornar a UFBA uma referência nacional e internacional na área da cultura. Na concepção modernizante dos anos de 1950, Edgard pensava a universidade como instituição de vanguarda. Em seu discurso articulavam-se nacionalismo, progresso cultural e modernização tecnológica; justapunham-se a “desprovincianização” cultural e a modernização urbano-industrial. (RISÉRIO, 2013)

A dimensão da cultura, incorporada aos cursos de graduação da nossa universidade são as maiores realizações de Edgard Santos. Mas o que pensava o primeiro Reitor da UFBA sobre a cultura? É Risério (1995) quem fornece a concepção de cultura que interessava ao Reitor. Os traços desse conceito de cultura revelam uma noção altamente elitista e restrita da cultura, que retinha as “produções mais requintadas do espírito, no terreno das humanidades e das artes. Mas em campo ocidental-europeu, bem entendido”. (RISÉRIO, 1995, p. 46) Essa compreensão elitista de cultura é também anunciada por Aragão (2016b), ao inferir que Edgard Santos pensava a universidade como centro de formação para as elites e reservava aos subalternos o lugar de meros espectadores da cena cultural.

A intervenção artístico-cultural de Edgard Santos que, aos olhos de hoje parece inovadora, modernizante e desejável, por estranho que possa parecer, não aconteceu sem ferrenha oposição estudantil. Os estudantes consideravam que o reitor privilegiava demasiadamente as artes, a cultura e as humanidades, em detrimento de uma universidade com caráter mais técnico e científico, apta a lidar e a superar o atraso da região. (RISÉRIO, 2013)

O traço distintivo da gestão de Edgard Santos nos primeiros anos da UFBA foi a aposta na arte e na cultura. Imersa num ambiente cultural que ainda reverberava os ecos do modernismo, a Bahia vivia uma efervescência que se consubstanciava numa miríade de iniciativas voltadas à criatividade, à arte e à política. A partir de meados dos anos 1950 são implantadas as Escolas de Teatro, Dança e os Seminários de Música. Além do gesto vanguardista de inauguração dos cursos de arte, o processo de formação dos cursos mostrou-se altamente cosmopolita. Numa época em que artistas eram obrigados a fugir dos seus países de origem, em virtude das consequências atroz dos regimes totalitários que emergiram na

Segunda Guerra Mundial, a Bahia recebeu um influxo significativo de intelectuais e artistas de diferentes partes do mundo. Foi assim que intelectuais como Agostinho da Silva, Yanka Rudzka, Hans Joachim Koelreutter, Rolf Gelewski, Anton Walter Smetak, dentre outros, aportaram à Bahia e trouxeram consigo um rico acervo cultural, que viria a ser mesclado com as referências locais de cultura, gerando experimentações artísticas de coloração híbrida e revelando-se como de vanguarda no panorama brasileiro.

A proposta que abre esse leque de contribuições de Edgard para a cultura é a dos Seminários Livres de Música, assim concebidos por proposta do maestro Hans Joachim Koellreutter, que considerava que a educação de músicos não deveria se formalizar institucionalmente. (RISÉRIO, 2013) Os Seminários, após consolidação, funcionavam com uma escola livre e aberta tanto para o meio universitário quanto para o público em geral. Além de Koellreutter, vieram para UFBA Ernst Widmer e Anton Walter Smetak, ambos suíços e trazendo informações internacionais que se mesclariam à realidade local, numa profícua simbiose. Com os Seminários, a Bahia entrava em contato com o que havia de mais moderno na música mundial, indo do dodecafonismo à criação de instrumentos musicais inovadores.

Na esteira da fundação das unidades de arte, surge a Escola de Teatro, em 1956. Pioneira em nível universitário na área, a Escola teve como primeiro diretor o pernambucano Eros Martim Gonçalves (1919-1973), convidado pelo reitor Edgard Santos. Patrocinada pela *Rockefeller Foundation*, a Escola de Teatro rompeu com um ciclo de amadorismo que vigorava na cena local. De acordo com Teixeira (2016, p. 94): “Do cenário ao figurino e, sobretudo, na performance do ator, o cuidado com o apuro técnico sempre foi uma das marcas da escola”. Ratificando esta perspectiva, num texto coletivo escrito pelos docentes da Escola de Teatro para o livro *UFBA: do século XIX ao século XXI*, os autores elencam duas principais iniciativas para a missão da escola: a divulgação da dramaturgia moderna e a implantação de um instituto-modelo, apto a formar atores, diretores e professores com as mais modernas técnicas teatrais. (ESCOLA DE TEATRO, 2010)

No mesmo ano de 1956 é fundada a Escola de Dança, também pioneira em nível universitário, permanecendo nessa condição por um longo período. A escola recebeu influência preponderante de dois professores oriundos da dança expressiva alemã: Yanka Rudzka

e Rolf Gelewski. De acordo com Silva e Aquino (2010, p. 228): “A Escola, em suas experiências inaugurais, traz a marca inovadora da dança moderna. Numa perspectiva mais ampla, ‘ser moderno’ significou a existência de um desejo de reformulação radical, fossem de temáticas, técnicas, teorias”. É nessa senda da vanguarda que se insere a Escola de Dança, assim como os demais centros de arte criados por Edgard Santos.

Na área das humanidades, uma última menção deve ser feita, ainda, ao Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), fundado em 1959. A proposta de criação do Centro surge como fruto da proposta do professor Agostinho da Silva, português que viera ao Brasil fugindo da ditadura salazarista e que veio à Bahia em função do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Amalgamam-se duas propostas para a fundação do CEAO: uma proveniente de Agostinho, que pregava a criação de um centro de estudos africanos; e outra vinda de um projeto da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), relativo a estudos orientais. “Resultando numa entidade que não somente estudaria coisas da África e do Oriente, mas, também, as presenças africana e oriental na formação e na vida brasileiras”. (RISÉRIO, 2013, p. 312)

O CEAO desempenhou papel fundamental nos estudos sobre a cultura afrobaiana e figurou como elemento central para o a efetivação das relações entre o Brasil e a África. Numa sociedade que ignorava o negro e o concebia apenas como elemento folclórico da cultura, não foi empreendimento fácil a instalação de um centro de ensino superior que pretendia estudar as questões afro-orientais e sua inserção na cultura baiana. Por este motivo, o CEAO surgiu às escondidas e funcionava cautelosamente nos porões da Reitoria, de onde foi saindo aos poucos para funcionar às claras, ainda que com a objeção de alguns. (TEIXEIRA, 2016)

As contribuições do CEAO para cultura negra e oriental e suas ramificações podem ser atestadas por algumas realizações pioneiras. Na linguística, tem-se o trabalho desenvolvido por Guilherme e Yeda Castro, que abordava o vocabulário português dos expatriados brasileiros no fim do século passado. No campo sociológico, houve um levantamento etnográfico dos terreiros de candomblé da Bahia, para compreender a vida religiosa do povo negro baiano. O candomblé deixava de ser apenas um campo exótico ou turístico tornando-se objeto de estudo científico.

Enfim, essa é uma sinopse panorâmica sobre a importância da UFBA no campo das artes, da cultura e das humanidades na Bahia e no Brasil. Temos, nessa breve digressão, uma ideia da importância do empreendimento que foi desenvolvido sob a batuta do primeiro reitor dessa universidade que, adotando uma concepção que se afiguraria como à frente do tempo, conferiu às artes e às humanidades um lugar de proeminência no fazer universitário. Suas iniciativas ainda hoje repercutem no circuito universitário da UFBA e asseguram lugar de destaque à dimensão artístico-cultural no ensino superior.

### Considerações finais

O presente artigo teve, como um dos seus objetivos, investigar de que forma se desenrolou, historicamente, a relação entre universidade/ensino superior, cultura e arte. Os resultados encontrados por revisão de literatura atestam que há uma efetiva simbiose entre ensino superior, cultura e arte desde as mais incipientes experiências.

No contexto das universidades brasileiras e suas relações com os temas artístico-culturais, o estudo revelou que há uma intensa conexão entre o contexto político e a definição das missões prioritárias das universidades em determinados períodos. Evidentemente, isso não acontece sem a oposição de resistência da sociedade civil organizada, que busca fazer valer os seus ideais de universidade, seja por meio dos seus intelectuais, seja por meio de agrupamentos organizados.

Ainda no panorama das instituições universitárias brasileiras, pinçou-se a experiência da UFBA como exemplo de universidade com relevante histórico artístico-cultural que, na contramão do provincianismo da região em que está instalada, demonstrou atuação de vanguarda no cenário artístico-cultural baiano e brasileiro.

Por fim, espera-se que o presente estudo possa incentivar a realização de futuras pesquisas que busquem aprofundamento na temática da cultura e da arte nas universidades, tendo como perspectiva a contínua valorização da universidade enquanto instituição cultural.

## Referências

- ALMEIDA FILHO, N. Universidade Nova no Brasil. *In*: ALMEIDA FILHO, N.; SANTOS, B. S. *A universidade no século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 107-260.
- ALMEIDA FILHO, N. As várias missões da universidade. *In*: ALMEIDA FILHO, N.; SANTOS, F. S. *A quarta missão da universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. p. 27-60.
- APTE, D. G. *Universities in Ancient India*. EUA: Cornell University Libraries Ithaca, 1961.
- ARAGÃO, R. C. Itinerários da Universidade no Brasil. *In*: RUBIM, A. A. C. (coord.). *A ousadia da criação: universidade e cultura*. 8. ed. Salvador: Edufba, 2016a. p. 13-43.
- ARAGÃO, R. C. O contexto de gestação da Universidade da Bahia. *In*: RUBIM, A. A. C. (coord.). *A ousadia da criação: universidade e cultura*. 8. ed. Salvador: Edufba, 2016b. p. 45-78.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 07 fev. 2023.
- BRASIL. *Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.
- BRASIL. *Decreto 6.096 de 24 de abril de 2007*. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm). Acesso em: 21 out. 2021.
- ESCOLA DE TEATRO. Escola de Teatro. *In*: TOUTAIN, L. M. B.; SILVA, R. R. G. (org.). *UFBA: do século XIX ao século XXI*. Salvador: Edufba, 2010.
- FÁVERO, M. L. A. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar em Revista*, Curitiba n. 28, p. 17-36, 2006.
- FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Ilhéus: Editus, 2001.
- HASKINS, C. *The rise of universities*. New York: Henry Holt Company, 1923.
- KERR, C. *Os usos da universidade*. Brasília, DF: Editora UnB, 2005.
- LULAT, Y.G-M. *A history of African higher education from antiquity to the present: a critical synthesis*. London: Praeger, 2005.

- MOTA, C. G. A cultura brasileira como problema histórico. *Revista da Universidade de São Paulo*, São Paulo, n. 3, p. 7-40, dez. 1986.
- NEVES, C. E. B. A estrutura e o funcionamento do ensino superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (coord.). *A educação superior no Brasil*. Porto Alegre: Unesco, 2002. p. 43-106.
- OLIVEIRA, C. R. Do Studium Generale à Educação Superior Globalizada: uma reflexão acerca da missão universitária. *Revista do Centro de Educação UFSM*, Santa Maria, v. 44, p. 1-23, 2019.
- ORTEGA Y GASSET, J. *Misión de la universidad y otros ensayos afines*. 2. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1930.
- PEDERSEN, O. *The first universities: studium generale and the origins of university education in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- PLATÃO. *A República*. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- RISÉRIO, A. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 1995
- RISÉRIO, A. *Edgard Santos e a reinvenção da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2013.
- RUBIM, A. A. C. Dilemas culturais da universidade na atualidade. In: RUBIM, A. A. C. (coord.). *A ousadia da criação: universidade e cultura*. 8. ed. Salvador: Edufba, 2016. p. 147-163.
- SÃO PAULO. *Decreto n° 6283, de 25 de janeiro de 1934*. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública, [1934]. Disponível em: <https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/225246/decreto-6283-34>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- SCOTT, J. The mission of the university: medieval to postmodern transformations. *The Journal of Higher Education*, [s. l.], v. 77, n. 1, 2006. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/jhe/summary/v077/77.1scott.html>. Acesso em: 12 dez. 2021.
- SILVA E AQUINO, D. T. L. Rastros de memórias: dialogias entre ensino, pesquisa e extensão. In: TOUTAIN, L. M. B.; SILVA, R. R. G. (org.). *UFBA: do século XIX ao século XXI*. Salvador: Edufba, 2010. p. 227-239.
- SOUZA, D. G.; MIRANDA, J. C.; SOUZA, F. S. Breve histórico acerca da criação das universidades no Brasil. *Revista Educação Pública*, v. 19, n. 5, mar. 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/5/breve-historico-acerca-da-criacao-das-universidades-no-brasil>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- SOUZA, J. G. Evolução histórica da universidade brasileira: abordagens preliminares. *Revista da Faculdade de Educação, PUCCAMP*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 42-58, ago. 1996.

TEIXEIRA, T. Modernismo e modernidade na Universidade da Bahia.  
*In*: RUBIM, A. A. C. (coord.). *A ousadia da criação: universidade e cultura*. 8. ed. Salvador: Edufba, 2016. p. 89-106.

WILLIAMS, R. *Política do Modernismo: contra os novos conformistas*.  
São Paulo: Editora Unesp, 2011.

---

Submetido em: 29/09/2022  
Aceito em: 13/02/2023